

## Psilas em Eucaliptos – *Glycaspis brimblecombei* Moore



*Glycaspis brimblecombei* Moore (Hemiptera: Psyllidae) é uma nova praga do eucalipto detectada pela primeira vez em 2007 em Portugal.



Conchas de *G. brimblecombei* (A) e adulto (B)

Insecto sugador, desenvolve-se na folhagem de diversas espécies de eucalipto.

As ninfas fixam-se nas folhas, onde se alimentam sugando a seiva, protegidas de condições externas desfavoráveis por conchas brancas, duras e cónicas. Excretam uma melada pegajosa sobre a qual se desenvolvem fungos saprófitas (fumagina). Ataques intensos podem causar desfoliação prematura.

### 1- Origem e distribuição geográfica

É originária da Austrália, onde evoluiu em conjunto com o seu hospedeiro, o eucalipto, e seus inimigos naturais. A intensificação do comércio de plantas de eucalipto tem levado à introdução involuntária deste insecto em novos habitats. A primeira ocorrência de *G. brimblecombei* fora da Austrália registou-se nos EUA (Califórnia) em 1998, onde se estabeleceu numa vasta zona. Mais tarde, a sua presença foi detectada no México, em 2000, na Florida, no Hawaii, nas Ilhas Maurícias, em 2001, no Chile em 2002, no Brasil em 2003 e em 2007 em Portugal e Espanha.

### 2 - Biologia

Tem reprodução sexuada. O ciclo evolutivo compreende: ovo, cinco estádios ninfais e adulto. Os ovos, postos nas folhas dos rebentos mais tenros, demoram 1 a 3 semanas a eclodir. As pequenas ninfas neonatas fixam-se nas folhas, começam a alimentar-se e a construir uma concha protectora com um fluido segregado na zona anal que, ao secar, endurece e fica branco. Desenvolvem-se sob a concha, mudando quatro vezes, embora possam deslocar-se e construir nova carapaça noutra local. No 5º estágio ninfal abandonam as conchas, sofrem a última muda e transformam-se em adultos, capazes de voar e saltar. No laboratório, o ciclo completa-se em 3 semana, a 25°C, prolongando-se a temperaturas mais baixas.



Ovos de *G. brimblecombei*



Jovem ninfa de *G. brimblecombei* construindo a concha

### 3 - Dinâmica populacional

É uma espécie polivoltina. Os aumentos populacionais coincidem com o crescimento das árvores, observando-se as maiores infestações no Verão. Chuvas fortes têm um impacto negativo nas populações. Em Portugal, diversos predadores indígenas alimentam-se de ninfas e ovos, nomeadamente crisopídeos, coccinelídeos, antocorídeos e aranhas, não se tendo encontrados parasitóides.



Larva de crisopídeo procurando ninfas de *G. brimblecombei*



Antocorídeo adulto atacando ninfa de *G. brimblecombei*

### 4 - Hospedeiros

Pode desenvolver-se em várias espécies do género *Eucalyptus*. Na Califórnia (EUA) foi observada em 27 espécies de eucalipto, entre as quais se verificaram marcadas diferenças de susceptibilidade. *Eucalyptus camaldulensis* e *E. tereticornis*, muito usadas em Portugal em zonas de lazer, encontram-se entre as espécies mais atacadas. Pelo contrário, *E. globulus* é pouco susceptível.

## 5 - Morfologia

O **adulto** é alongado (comp. 3-4 mm), com as quatro asas transparentes dispostas em telhado sobre o abdômen, coloração variando do amarelo acastanhado ao verde pálido e marcas castanhas e laranja. Os olhos são grandes e globosos. Na frente da cabeça, entre as antenas, possui duas projeções características, chamadas genas. Os machos são menores que as fêmeas e têm a extremidade do abdômen estreitada e revirada para cima.

Os **ovos**, alongados, amarelos, lisos e brilhantes, estão presos à folha por um pedicelo inserido no limbo. Perto da eclosão, são visíveis os olhos vermelhos dos embriões.

As **ninfas**, protegidas pelas conchas, são ovais e achatadas, têm o corpo segmentado (comp. 0.7 e 1.2 mm), patas curtas e rostro ventral.

Inicialmente apresentam uma coloração amarelo - alaranjada uniforme, escurecendo e adquirindo marcas castanhas durante o desenvolvimento. As **conchas**, cujo tamanho e espessura aumentam com o desenvolvimento ninfal, podem atingir 3 mm de diâmetro e 2 mm de altura.

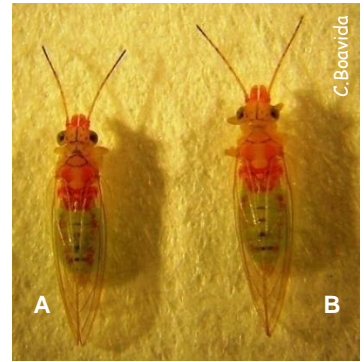
As asas desenvolvem-se gradualmente nos lados do corpo, dentro de tecas castanho-escuras com pontos brancos cerosos dispostos em linha. O abdômen da ninfa do último instar é frequentemente esverdeado.



Ninfas de *G. brimblecombei* fora das conchas



Ninfa de 5º estágio de *G. brimblecombei* fora da concha



Macho (A) e fêmea (B) de *G. brimblecombei*

## 6 - Estragos e importância

Populações ninfais muito densas afetam o crescimento das árvores e podem originar queda de folhas. Nos EUA observou-se a morte de árvores da espécie *E. camaldulensis* repetidamente atacadas pela praga. Como as espécies de eucalipto mais susceptíveis se encontram geralmente implantadas em zonas de lazer, a ocorrência de populações importantes pode afectar o usufruto de zonas públicas. A melada pegajosa escorre das folhas, suja zonas subjacentes e atrai insectos indesejáveis, como moscas, vespas e formigas. Por outro lado, a queda de conchas vazias e pegajosas sobre bancos de jardins, passeios e automóveis, juntamente com a acumulação de folhas no solo, constituem outro inconveniente.

Desfoliação em eucalipto infestado por *G. brimblecombei*; vespa atraída pela melada



## 7 - Meios de controlo

A **luta biológica clássica** surge como a opção mais adequada e sustentável para o controlo das populações de *G. brimblecombei*, devido à origem exótica da praga e à ausência de inimigos naturais indígenas eficientes. Na Austrália, zona de origem do insecto e da planta hospedeira, os relatos de populações são raros, o que pode indicar um controlo natural eficaz por parte dos seus inimigos naturais. Nos EUA (Califórnia), a introdução de um parasitóide específico originário da Austrália, *Psyllaephagus bliteus* (Hymenoptera: Encyrtidae), em 2000 permitiu alcançar um nível de controlo aceitável. Também no México e no Chile se optou pela introdução deste agente de luta biológica. No Brasil, onde *P. bliteus* apareceu espontaneamente, espera-se um controlo satisfatório da praga.

Como medida preventiva, recomenda-se evitar plantar as espécies de eucaliptos mais susceptíveis. A luta química, tecnicamente difícil e pouco eficaz, é inviável, devido à localização das plantas hospedeiras em zonas urbanas e de lazer, onde são muito utilizadas como árvores de sombra.

**Autor:** Conceição Boavida - INRB,IP

**Março / 2009**

**Bibliografia :** Dahlsten, D. L. & Rowney, D. L. (2000) The Red Gum Lerp Psyllid, a new pest of eucalyptus species in California. The Regents of the University of California at Berkeley. disponível on-line em <http://www.cnr.berkeley.edu> ; :: Montes, S. M. N. M. & Raga, A. (2005) Dinâmica estacional do psilídeo-de-concha *Glycaspis brimblecombei* Moore (Hemiptera: Psyllidae) na região Oeste do Estado de São Paulo. *Arq. Inst. Biol.* **72** (3): 511-515.; :: Paine, T. D. & Millar, J. G. (2003) Biological control of introduced pests of California. In *Proceedings of 1st International Symposium on Biological control of Arthropods, 2002, Honolulu, Hawai*. USDA Forest Service Forest Health Technology Enterprise Team 66-71. pdf disponível on-line em <http://www.bugwood.org/arthropod/> ; :: Paine, T. D., Dreistadt, S. H., Garrison, R. W. & Gill, R. J. (2008) Eucalyptus Redgum Lerp Psyllid. Guideline Published 1/06. How to Manage Pests in Gardens and Landscapes. Disponível on-line em <http://www.ipm.ucdavis.edu/PMGPESTNOTES/pn7460.html>; :: Valente, C. & Hodkinson, I. (2008) First record of the Red Gum Lerp Psyllid, *Glycaspis brimblecombei* Moore (Hem.: Psyllidae), in Europe. *J. Appl. Entomol.* **133** (4): 315-317.